

SERIE DOCTRINAS

IGREJA ADVENTISTA CENTRAL DE CURITIBA

Quarta, 09 de dezembro de 2015

Pr. Paulo Eduardo Iglesias Bravo

SANTUÁRIO

Como Adventistas do Sétimo Dia, já declaramos que:

"Há um santuário no Céu, o verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem. Nele Cristo ministra em nosso favor, tornando acessíveis aos crentes os benefícios de Seu sacrifício expiatório oferecido uma vez por todas, na cruz. Ele foi empossado como nosso grande Sumo Sacerdote e começou Seu ministério intercessório por ocasião de Sua ascensão. Em 1844, no fim do período profético dos 2.300 dias, Ele iniciou a segunda e última etapa de Seu ministério expiatório. É uma obra de juízo investigativo, a qual faz parte da eliminação final de todo pecado, prefigurada pela purificação do antigo santuário hebraico, no Dia da Expição. Nesse serviço típico, o santuário era purificado com o sangue de sacrifícios de animais, mas as coisas celestiais são purificadas com o perfeito sacrifício do sangue de Jesus. O juízo investigativo revela aos seres celestiais quem dentre os mortos dorme em Cristo, sendo, portanto, nEle, considerado digno de ter parte na primeira ressurreição. Também torna manifesto quem, dentre os vivos, permanece em Cristo, guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, estando, portanto, nEle, preparado para a transladação ao Seu reino eterno. Este julgamento vindica a justiça de Deus em salvar os que crêem em Jesus. Declara que os que permaneceram leais a Deus receberão o reino. A terminação do ministério de Cristo assinalará o fim do tempo da graça para os seres humanos, antes do Segundo Advento" – (Crenças Fundamentais, 23).

O povo de Israel foi escravo no Egito por 400 anos. Uma vez libertos por Deus, podiam adorá-Lo livremente e Deus estava ansioso por habitar no meio de Seu povo. Para que o Senhor pudesse habitar no meio do povo, Ele instruiu Moisés quanto à construção de um santuário (Êxodo 25:8). O santuário não servia apenas para habitação de Deus, mas era a única maneira pela qual nossos antepassados puderam entender o plano da salvação, o preço do pecado e a morte de Cristo, o "cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29). Hoje é fácil olhar para o calvário e entender o plano da salvação, mas eles precisavam dessa demonstração viva. Estudar e compreender o santuário e seus serviços são a chave para entender e compreender o ministério sacerdotal de Cristo.

Santuário no Deserto

"E Me farão um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles" (Êxodo 25:8). A partir de Êxodo 25 e por todo livro de Levítico encontramos as descrições detalhadas do santuário, seus compartimentos, móveis, utensílios, sacerdócio e serviços.

A arca - Êxodo 25:10-16 e 37:1-5

O propiciatório - Êxodo 25:17-22 e 37:6-9

A mesa - Êxodo 25:23-30 e 37:10-16

O candelabro - Êxodo 25:31-40 e 37:17-24

As cortinas - Êxodo 26:1-13 e 36:8-18

O véu - Êxodo 26:31-37 e 36:35-38

O altar de holocausto (sacrifício contínuo) - Êxodo 27:1-8 e 38:1-7

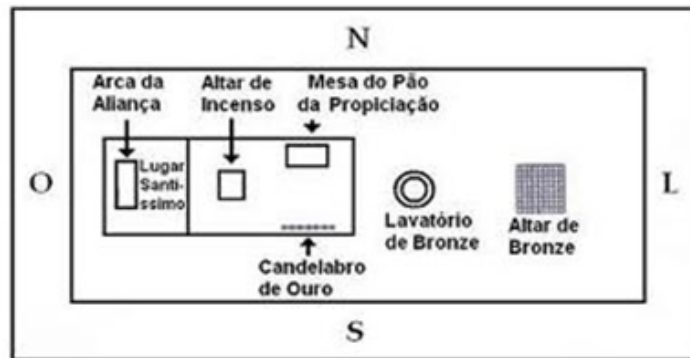
O átrio (pátio) do tabernáculo - Êxodo 27:9-19 e 38:9-20

As vestes sacerdotais (Arão e seus filhos) - Êxodo 28:3-43 e 39:1-31

O altar de incenso - Êxodo 30:1-10 e 37:25-28

A bacia de bronze - Êxodo 30:17-21 e 38:8

Partindo destas passagens, podemos visualizar o santuário com seus três compartimentos (pátio, santo e santíssimo) e seus móveis:



Também
três principais serviços:

conhecemos seus

O sacrifício contínuo (ofertas contínuas) - Êxodo 29:38-46 e Números 28:1-8

Todos os dias, pela manhã (ao nascer do sol), e pela tarde (ao pôr do sol), o sacerdote sacrificava um cordeiro, macho, um ano de idade e sem defeito físico, e o colocava sobre o altar de holocausto. O sacrifício da manhã queimava até a tarde e o da tarde até a manhã seguinte (sacrifício contínuo). Esse sacrifício era por toda a nação de Israel.

O sacrifício pelos pecados - Levítico 6:1-7

Cada pessoa que pecava deveria trazer um cordeiro sem defeito ao sacerdote e sacrificá-lo pelo seu pecado. A pessoa impunha a mão sobre o cordeiro, confessava seu pecado e imolava o animal. O sacerdote recolhia parte do sangue em uma cuia, carregando simbolicamente o pecado. Apresentava então o pedido de perdão diante do altar de incenso, aspergia um pouco do sangue no véu e derramava o resto na terra ao pé do altar de sacrifício (pátio). O sacrifício era queimado e o pecado perdoado, mas todos esses pecados ficavam acumulados no santuário.

O dia da expiação - Levítico 16:1-10 e 23:26-32

Uma vez por ano, no décimo dia do sétimo mês (Tishrei), todo o povo de Israel deveria se apresentar ao Senhor para a purificação do santuário. Era o dia da "expiação" dos pecados de todo o povo, o "*Yom Kipur*".

Era oferecido um sacrifício por todo o povo, e depois tomavam dois bodes e lançavam sorte sobre eles. Um representaria o Senhor, e era chamado de "bode expiatório". Esse bode era sacrificado, o sumo sacerdote recolhia parte do sangue dele em uma cuia e com ele entrava no lugar santíssimo para interceder por todo o povo de Israel e purificar todos os pecados que haviam sido acumulados durante o ano. O outro animal era chamado de "Azazel" ou "bode emissário". Ele carregava a os pecados de Israel acumulados no santuário. Esse bode era levado para o deserto como símbolo dos pecados que foram retirados do meio do povo.

Santuário Celestial

A Bíblia afirma que há um santuário no Céu. "Depois destas coisas, olhei, e abriu-se no Céu o santuário do tabernáculo do testemunho" (Apocalipse 15:5). "Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no Céu, e foi vista a arca da aliança no Seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada" (Apocalipse 11:19) - ver Salmo 11:4; 102:19 e Miquéias 1:2-3.

Ao ordenar a construção de um santuário, Deus mostrou a Moisés um "modelo" (Êxodo 25:8-9 e 40). A Bíblia identifica esse santuário do deserto como uma cópia ou miniatura do santuário celestial, "figuras das coisas que se acham nos Céus" e "figura do verdadeiro" santuário (Hebreus 9:23-24). Também menciona que esse santuário é o "verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem" (Hebreus 8:1-2).

João chegou a contemplar os itens que constituíram o modelo para a mobília que ocupava o espaço do lugar santo do santuário terrestre, tais como o castiçal com sete lâmpadas (Apocalipse 1:12) e o altar de

incenso (Apocalipse 8:3). Viu também a arca da aliança, que no santuário terrestre ocupava o Santo dos Santos (Apocalipse 11:19).

O altar de incenso do santuário celestial acha-se situado diante do trono de Deus (Apocalipse 8:3; 9:13), que se localiza no templo celestial de Deus (Apocalipse 4:2; 7:15; 16:17). Portanto, a cena do trono celestial (Daniel 7:9 e 10) ocorre no templo ou santuário celestial. É por essa razão que os juízos finais de Deus partem de Seu templo (Apocalipse 15:5-8).

Fica evidente que a Bíblia não apresenta o santuário celestial como figurado ou como uma metáfora, mas como real e definitivamente existente. O santuário celestial é o lugar primário da habitação de Deus.

O Ministério no Santuário Celestial

Tudo que foi colocado por Deus no santuário era uma mensagem de salvação. Deus usou os serviços do santuário para proclamar o evangelho (Hebreus 4:2), esse era o único meio do povo de Israel compreender o sacrifício do Messias, o “cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo” (João 1:29). O santuário ilustra três partes do ministério de Cristo:

O sacrifício substitutivo: todos os sacrifícios do santuário simbolizavam a morte de Jesus para o perdão dos pecados. Isso reforça a verdade bíblica que “sem derramamento de sangue, não há remissão” Hebreus 9:22. Esses sacrifícios mostravam que:

1. **Deus julga o pecado** - pelo fato de que o pecado constitui uma profunda rebelião contra tudo que é bom, justo e verdadeiro, ele não pode ser ignorado. O pecado tem um preço, e esse preço é muito alto, “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23).
2. **A morte substitutiva de Cristo** - cada cordeiro inocente que era sacrificado no santuário, apontava para nosso inocente Redentor que seria sacrificado sem pecados. Ele assumiu uma culpa que não tinha, para que nós assumíssemos a Sua justiça. “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; ... mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos” (Isaías 53:6) “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (I Coríntios 15:3).
3. **Deus provê o sacrifício expiatório** - “Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no Seu sangue, como propiciação, mediante a fé” (Romanos 3:24-25). “Aquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que, nEle, fôssemos feitos justiça de Deus” (II Coríntios 5:21). Cristo assumiu nossa culpa e pagou nossos pecados, e “pelas Suas pisaduras fomos sarados” (Isaías 53:5).

O mediador sacerdotal: o ministério dos sacerdotes no santuário deixava evidente a necessidade de um mediador entre seres pecadores e um Deus santo. Lembrando que os pecados separam o homem de Deus (Isaías 59:2), era necessário um sacerdote para interceder pela humanidade caída. “Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (I Timóteo 2:5).

1. **Mediador e expiação** - a maneira como os levitas conduziam o sacerdócio ilustra muito bem a função que Cristo tem desempenhado no santuário celestial desde Sua morte, ressurreição e ascensão ao Céu. Nosso Sumo Sacerdote serve “à destra do trono da Majestade nos Céus”, trabalhando “como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem” (Hebreus 8:1-2).
2. **Ministério no lugar santo** - o ministério dos levitas no lugar santo poderia ser descrito como um ministério de intercessão, perdão, reconciliação e restauração. Ao ajudar o pecador com o sacrifício, ao molhar os dedos no sangue com pecados, ao apresentar o pedido de perdão diante do altar de incenso e ao aspergir o sangue no véu ou derramá-lo ao pé do altar, o sacerdote assumia parte da culpa do pecado, assim como Cristo assumiu a culpa dos nossos pecados e nos libertou. Esse ministério sacerdotal era permanente e contínuo, assim como Cristo trabalha continuamente intercedendo por nós no santuário celestial. Ver Efésios 2:18; Hebreus 4:14-16; 7:25; 9:24; 10:19-22.

O julgamento final: os eventos do “dia da expiação” apontavam para o julgamento de Deus em suas três fases: 1. julgamento investigativo (pré-advento), 2. julgamento de confirmação (pós-advento, milenial) e 3. julgamento executivo (pós-milenial). Os símbolos do “Yom Kipur” mostram esses detalhes:

1. **A purificação do santuário** - a purificação do santuário focalizava-se no lugar santíssimo do santuário e só podia ser realizada pelo sumo sacerdote. Também requeria dois bodes, o bode do Senhor e o bode Azazel (emissário). O primeiro bode era morto simbolizando o preço do pecado

(morte), especialmente o preço que Cristo pagaria pelos nossos pecados morrendo na cruz. O segundo bode carregava o peso dos pecados e era levado para o deserto, esse ato removia os pecados do meio do povo, simbolizando a erradicação completa dos pecados cometidos. Assim será no juízo, quando Deus, o justo juiz (Salmo 7:11; Jeremias 11:20), separará os filhos das trevas dos filhos da luz erradicando definitivamente o pecado do Universo.

2. **Azazel, o bode emissário** - um exame cuidadoso de Levítico 16 revela que Azazel representa Satanás. O bode do Senhor era morto, apontando para o sacrifício de Cristo, o outro não. Então não podia representar o salvador. Também porque o santuário era totalmente purificado pelo sangue do bode do Senhor, só então o bode emissário era introduzido no ritual. Finalmente porque a passagem trata do bode emissário como um ser pessoal que é o oposto, que se opõe contra Deus. “Um para o Senhor, o outro para Azazel” (Levítico 16:8). Assim, é mais coerente ver Azazel como símbolo de Satanás.
3. **As três fases do julgamento** - assim como o sacrifício do bode para o Senhor apontava para o Calvário, o banimento do bode Azazel apontava para a erradicação completa do pecado e de seu autor, Satanás. A expiação através do julgamento fará brotar um universo plenamente reconciliado e harmonioso (Efésios 1:10). O dia da expiação apontava para as três fases do julgamento divino:
 - a. A remoção dos pecados do santuário relaciona-se com a primeira fase do julgamento, o “**juízo investigativo**” que acontece antes da vinda de Cristo. O dia da expiação era um dia de julgamento e de juízo. Deus analisava o coração do povo e quem não quisesse abandonar os pecados era banido do povo. Assim como no dia da expiação, o julgamento tem a tarefa de separar os verdadeiros filhos de Deus daqueles que não são.
 - b. O banimento do bode Azazel para o deserto simboliza a prisão de Satanás durante o milênio, na Terra desolada. Durante esse período acontece a segunda fase do julgamento, o “**juízo de confirmação**” (Apocalipse 20:4; I Coríntios 6:1-3). Esse julgamento revisa, para os salvos em Cristo, as decisões tomadas na primeira fase, quando esses não estiveram presentes.
 - c. O acampamento purificado simboliza a terceira fase do julgamento, o “**juízo executivo**”, quando o fogo destruirá os maus e purificará a Terra (Apocalipse 20:11-15; Mateus 25:31-46; II Pedro 3:7-13).

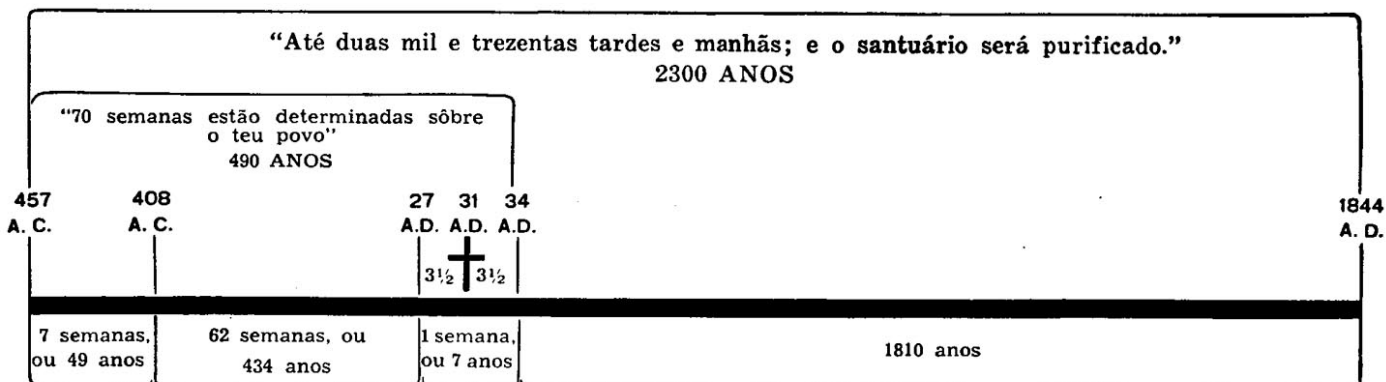
A purificação do santuário celestial

Se o Céu é puro e santo, se os seres que vivem lá, Deus e Seus anjos, são puros e perfeitos, será que o Céu precisa ser purificado? Tendo em vista que os pecados purificados no santuário e de toda a humanidade têm sido lançados sobre Cristo, eles acabam por poluir o santuário celestial, necessitando ser purificado. “Com efeito, quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e, sem derramamento de sangue, não há remissão. Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos Céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores” (Hebreus 9:22-23).

A Daniel foi revelado quando aconteceria essa purificação: “até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (Daniel 8:14). Sendo que essa visão se referia ao “tempo do fim” (Daniel 8:17), não é possível supor que se refere ao santuário terrestre, destruído no ano 70 d.C.; ou seja, a profecia faz menção ao santuário celestial. De acordo com Gênesis 1, “tarde e manhã” equivale a um dia. Também, em profecia, um dia equivale a um ano - princípio dia-ano (Números 14:34; Ezequiel 4:6). Assim temos de fato um período de 2.300 anos.

Esse período começa na ordem para “restaurar e edificar Jerusalém” (Daniel 9:25). Essa ordem foi dada por Artaxerxes, rei persa, a Esdras (Esdras 7) no ano 457 a.C. Para ter certeza que essa data está correta, ao explicar a Daniel, Deus colocou outro período profético dentro dele, o das 70 semanas (490 anos), quando na última semana viria o Messias, na metade dessa semana cessaria o sacrifício e no final dos 490 anos viria o assolador (Daniel 9:24-27).

Assim, vemos que a purificação do santuário celestial, ou seja o início do julgamento, aconteceu em 1844. Guilherme Miller estudou sobre esse assunto e entendeu que a purificação do santuário seria a volta de



Cristo a Terra e pregou que Cristo voltaria em 1844. Quando Cristo não veio, a maioria das pessoas ficaram decepcionadas e desistiram de Deus. Mas um grupo entendeu que Deus não erra, e se houve engano, era por parte dos homens. Esses clamaram por entendimento e permaneceram em oração e estudo da Bíblia até que Hiram Edson, caminhando por um milharal, viu Jesus no santuário celestial e compreendeu o que de fato tinha acontecido.

Mas existe mesmo a necessidade de um julgamento antes da volta de Cristo à Terra? Se Deus é onisciente, se Ele já sabe o destino de cada ser humano, por que esse juízo? A verdade é que o julgamento não acontece para benefício divino, mas por amor a todos os outros seres criados por Deus no Universo. Embora Deus saiba os pormenores da vida de cada ser humano na face da Terra, esses outros seres dependem desse tribunal para entender o amor de Deus e a justiça para com os filhos das trevas.

Cristo retratou esse julgamento através da parábola dos convidados à ceia de casamento que respondem ao convite (Mateus 22:1-14). Pelo fato de nem todos decidirem ser cristãos efetivos e se submeter à vontade de Deus, o rei precisou inspecionar os convidados para ver quem possuía os trajes nupciais. Essas vestes representam o caráter e a justiça de Cristo que são colocados sobre Seus filhos, a todos que O aceitam como seu salvador pessoal. A esses é dado que se vista de “linho fino, puro e resplandecente, ... que são a justiça dos santos” (Apocalipse 19:8).

O julgamento não deve inspirar medo ou preocupação, pelo contrário, é a garantia de salvação para os filhos de Deus, aqueles que "lavaram suas vestiduras, e as alvejaram no sangue do Cordeiro" (Apocalipse 7:14). A cada um de nós cabe estar preparados constantemente, pois não sabemos quando termina esse tribunal e nem quando o Juiz declarará “Está Feito”. “Estai de sobreaviso, vigiai e orai; porque não sabeis quando será o tempo” (Marcos 13:33).

Graças a Deus que Cristo, nosso mediador, intercede por nós. "Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande Sumo Sacerdote que penetrou os Céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna." (Hebreus 4:14-16).